



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol XXVI, número 2, jul-dez, 2021, pág. 295-309.

## **O BURACO, O FILME: COMPREENDENDO A PLURIDIMENSIONALIDADE DO SER-CRIANÇA DIANTE DA VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR**

Michaela Nascimento Colares  
Ewerton Helder Bentes de Castro

### **RESUMO**

Trata-se de uma pesquisa fenomenológica, que teve por objetivo investigar o fenômenos existentes no curta-metragem *O BURACO*. O curta retrata a história de uma criança que presencia a violência doméstica através de um buraco na parede do seu quarto. É um estudo qualitativo e a análise dos dados baseou-se nas obras de Martin Heidegger, *Ontologia Hermenêutica da Facticidade e Ser e Tempo*. A discussão se deu a partir de três fenômenos existentes no curta-metragem, sendo eles: “o imaginário do super-herói”, “o processo de autenticidade em vítimas de violência” e “o que o olhar através de um buraco nos ensina sobre ser no mundo”. Conclui-se que a violência intrafamiliar resulta em perdas imensuráveis para a criança, a percepção de uma configuração familiar distorcida pelo ato violento perpetrado continuamente e a pluridimensionalidade dos contextos ali experienciados.

Palavras-chave: Violência doméstica, criança, fenomenologia.

### **ABSTRACT**

This is a phenomenological research, which aimed to investigate the existing phenomena in the short film *O BURACO*. The short portrays the story of a child who witnesses domestic violence through a hole in the wall of his room. It is a qualitative study and the data analysis was based on the works of Martin Heidegger, *Hermeneutic Ontology of Facticity and Being and Time*. The discussion took place based on three existing phenomena in the short film, namely: “the superhero's imaginary”, “the process of authenticity in victims of violence” and “what looking through a hole teaches us about be in the world”. It is concluded that intrafamily violence results in immeasurable losses for the child, the perception of a family configuration distorted by the violent act continuously imposed and the multidimensionality of the contexts experienced there.

Key-words: Domestic violence, child, phenomenology

### **1. Introdução**

A Organização Mundial da Saúde (OMS) definirá a violência como o “uso da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (DAHLBERG& KRUG, 2006, p.1165).

Ao discutir a esfera da violência doméstica contra a mulher, Labronici (2012), revela que esta se caracteriza pela amplitude que atinge, uma vez que, deve ser considerada, nesse ínterim, qualquer ação ou omissão no que diz respeito a



## **Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

gênero cause desde a morte, perpassando por lesão, sofrimento físico, psicológico ou sexual e dano patrimonial ou moral à mulher, praticada por pessoas com ou sem vínculo familiar; aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou vontade expressa, inclusive aquelas consideradas as esporadicamente agregadas. Fenômeno multifatorial que afeta não apenas as vítimas, mas os familiares e a sociedade como um todo.

Estudos apontam que os índices de violência na sociedade brasileira vem aumentando a medida que os anos passam e seus resultados são abrangentes, razão pela qual não consideram como violência apenas situações que levam a ferimentos físicos ou mortes (DAHLBERG & KRUG, 2006; GANDOS, 2018; SILVA, TIELLET & DAN, 2020). As consequências de atos violentos podem ser imediatas ou latentes, podendo durar por anos além do abuso inicial.

A historiografia ensina que a violência doméstica é “apontada como um dos mais graves problemas sociais que impactam na saúde seja a nível nacional ou mundial” (ROLIM & FALCKE, 2017, p. 940). Sendo reconhecida pela ONU, em 1993, “como um obstáculo ao desenvolvimento, à paz e aos ideais de igualdade entre os seres humanos, sendo essa considerada uma violação aos direitos humanos” (HERMANN & BARSTED, 2000, p. 7). Diferente do que se acredita, a violência doméstica vai muito além do que o ato praticado contra o gênero feminino, se utilizando da força como a prática principal, podendo ser utilizada contra crianças e adolescentes e até mesmo contra homens.

Os episódios de violência contra mulher acontecem normalmente no âmbito familiar, em espaços privados, e geralmente os agressores são seus parceiros conjugais, na maioria das vezes homens (LABRONICI, 2012; SOUTO, 2014). Além disso, pesquisas apontam que crianças que convivem nesses espaços familiares tem maior probabilidade de serem vítimas de maus-tratos, se comparadas a crianças que não experienciam tal fenômeno (RAZERA & FALCKE, 2014; SILVA, TIELLET & DAN, 2020).

Almeida, Miranda & Lourenço (2013) apontam as crianças como uma das principais vítimas deste tipo de violência. São, nos casos de violência



## **Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

intrafamiliar, vítimas diretas quando a violência é específica contra elas, ou vítimas indiretas, quando sofrem as consequências por presenciarem atos de violência contra outrem, no caso mães e/ou irmãos. Torna-se premente considerar que, em ambos os casos, resultam prejuízos na saúde física e mental dessas crianças.

Diante do exposto, é comum questionar quais as consequências da violência doméstica em crianças e como se dará seu desenvolvimento pessoal frente a tais situações. No presente artigo, será realizado uma análise do curta-metragem *O Buraco* sob o viés fenomenológico-existencial buscando identificar quais os fenômenos, principais, existentes na relação mundo humano e mundo próprio a partir do olhar de uma criança que vivência a violência doméstica.

### **2. Sobre o curta-metragem**

O Buraco é um terror psicológico cuja a história se passa no período natalino no século XXI, em algum bairro localizado na cidade de Manaus. A história é apresentada através do olhar de uma criança que acompanha os constantes abusos da mãe, deferidos pelo patriarca da família.

Inicialmente, é apresentado através de um buraco na parede de madeira um menino brincando com os seus bonecos de ação, e, é por esse mesmo buraco que acontece a percepção de mundo desta criança em relações aos pais. O garoto presencia toda a violência que a mãe sofre, desde abuso psicológico até o abuso físico, também é por essa abertura que ele observa a traição do pai e acompanha as constantes vezes que o mesmo chega alcoolizado em casa, resultando, maioria das vezes, em atos de violência.

O curta desenvolve-se a maior parte do tempo dentro da residência da criança, trazendo inquietação para quem está assistindo e apresentando simbolismos que serão discutidos posteriormente neste artigo.



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

### 3. Material e métodos

Pode-se definir este artigo como pesquisa na modalidade descritiva com abordagem qualitativa, uma vez que, consiste da descoberta e observação de fenômenos. Como instrumento do estudo, foi utilizado o curta-metragem O Buraco (2021), com produção amazonense do diretor e roteirista Zeudi Souza. O processo de tratamento dos dados ocorreu por meio da interação do personagem principal com o ambiente, buscando identificar os principais fenômenos existentes e compreendendo a pluridimensionalidade do curta-metragem, utilizando como referencial as obras de Martin Heidegger, Ontologia Hermenêutica da Facticidade, e o conceito de autenticidade e inautenticidade na obra o Ser e Tempo.

### 4. Fenomenologia heideggeriana: à guisa de conhecimento

Martin Heidegger, filósofo alemão, existencialista, foi um pensador com expressiva produção acadêmica no que concerne à discussão acerca do Ser, fundamento que pautou sua obra inicial (Ser e Tempo) e sua obra considerada tardia (Ontologia Hermenêutica da Facticidade).

Ao pensar o ser humano e sua trajetória de vida, Heidegger (2013) postula que cada um de nós, somos *Dasein* (*Ser-Aí*). Como podemos compreender esta acepção? Este pensador, apoiado na filologia, buscou na raiz das palavras, a compreensão do humano. Assim, inicialmente é necessário recordar que Heidegger postula que somos *ser-no-mundo*, ou seja, cada um de nós tem um olhar específico sobre nós próprios, sobre a vida, sobre o mundo, sobre as situações que se nos ocorrem cotidianamente.

Ora, se tenho um olhar que é meu próprio sobre o entorno e sobre mim mesmo, este é diretamente relacionado ao sentido expresso por mim e que, por esse motivo, me caracteriza como ser-quem-sou, esse Ser que está Aí, vivendo e experienciando meu dia a dia, vivendo e experienciando tudo o que me vem ao encontro em minha cotidianidade (CASTRO, 2017; PEREIRA & CASTRO, 2019; CASTRO, 2020).



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Com isso, compreende-se que o ser humano não é uma coisa entre várias coisas e o mundo é um objeto intencional com referência a um sujeito que pensa, que somos os autores de nossas vidas e construtores de nossa história. História, este termo nos leva a outro conceito heideggeriano: *historicidade*! Este constructo diz respeito a nossa própria trajetória de vida, é diretamente proporcional aos significados que lanço sobre a vida e sobre o mundo no meu caminhar pela vida. Dessa forma, essa construção é oriunda de toda processualidade do existir, todo o processo de ser-no-mundo em contínuas descobertas, em contínuos desvelamentos da minha existência como existente. Sou eu em meu caminhar!

Heidegger (2013) chama a atenção que somos ser-no-mundo-com-o-outro. Significa que minha historicidade é realizada no caminhar junto a esse outro com quem, desde meu nascimento, me acompanha. Nos vários contextos em que transito cotidianamente, me ocupo com algo ou alguém. Conceito que precisamos esclarecer: *ocupação*. Ocupar vem no sentido de estar direcionado a algo ou alguém, meu olhar se volta para uma situação, se volta para alguém. A este movimento, Heidegger compreende como ocupação.

Partindo dos pressupostos anteriores, vale ressaltar que ser-no-mundo é ser-lançado no mundo. O que isto quer dizer? Que não estou no mundo como objeto, como mero espectador. Sou continuamente chamado a me revelar e a experimentar o afeto. *Afetividade*, constructo heideggeriano que, conforme estabelecemos no parágrafo anterior, é diretamente proporcional à minha relação com esse outro. Vivenciamos situações diferentes e diferenciadas em que o sentimento e a emoção são elementos que permeiam continuamente essa questão relacional. Assim, o outro me afeta na mesma proporção em que eu o afeto. O ato, a atitude desse outro pode deixar marcas profundas em meu ser, sejam agradáveis ou desagradáveis.

No que concerne às experiências, no que tange ao aspecto agradável ou desagradável, Heidegger (2013) revela que, enquanto lançados no mundo, somos levados a experimentar situações que nos tiram do lugar-seguro em que



## Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

até aquele momento estávamos. A estas, o filósofo nomina como *Facticidade*.

Este termo significa momentos da vida que nos tiram de nossas certezas, de nosso porto seguro, nos lançam nas incertezas que nos constituem, nos arremessam para além de nós próprios, nos fazem sentir estranhos em nossa caminhada. A angústia é vivenciada. E como diz Castro (2019, p. 26): “na angústia se está estranho. Eis a pré-sença<sup>1</sup> na angústia. A tempestade do ser”.

As experiências diárias – vivenciadas sob o viés do desagrado ou não – resultam, muitas vezes, em respostas de cada um de nós que são compreendidas por Heidegger (2013) sob o viés da *inautenticidade* ou da *autenticidade*. Como caracterizar a *inautenticidade*? Seriam ações que revelam que em alguns momentos não quero pensar, refletir sobre essa situação, em encolho, ensimesmo em mim mesmo, nego o que está ocorrendo, ou seja, não quero saber o como, o porquê, o para quê daquela situação, enfrento-a dando voltas em torno da questão, adentro pela impessoalidade, a ruína, segundo Heidegger.

A *autenticidade*, por sua vez, caracteriza o movimento oposto ao anterior. É quando tomamos para nós a responsabilidade por nosso existir. Enfrentamos as situações de frente, refletimos sobre as mesmas e nos permitimos e possibilitamos crescer com cada situação, com cada experiência.

Conceito específico da teoria heideggeriana, o *Cuidado* nos permite um redimensionamento do ser-no-mundo no sentido de que somos um ser-de-cuidado. É, no dizer de Castro (2020; 2021) o meu relacionar comigo mesmo e com o mundo, com a vida, com as pessoas. Assim, cabe um zelar não apenas por si mesmo, mas pelo outro. É uma forma de habitar o mundo, preservando, zelando, velando.

### 5. Discussão sob o viés da Fenomenologia

O curta-metragem proporcionou a observação de diversos fenômenos, como por exemplo, a relação que o cuidar tem para o desenvolvimento infantil,

---

<sup>1</sup> Pré-sença: termo cunhado por Heidegger para denominar o Ser-Aí, o ser humano que somos cada um de nós.



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

o processo da corporeidade em vítimas de violência doméstica, o sentimento de poder dos autores de violências entre outras coisas. No entanto, para fins de discussão serão trabalhados os seguintes fenômenos, a idealização de um mundo de super-heróis, o processo da autenticidade e inautenticidade na vítima de violência doméstica e o que o olhar através de um buraco ensina sobre o ser-no-mundo.

### **5.1 O imaginário do super-herói**

Uma das mensagens que o curta-metragem quer passar está justamente no olhar da criança que vivência a violência doméstica, interessante pontuar que desde o início ao final do curta não escutamos a voz da criança, mas ela se expressa de diferentes formas. Existem elementos no quarto que apresentam o estilo de mundo que a criança gostaria de viver. Elementos estes, que giram em torno de um universo de super-heróis, desde a decoração no quarto, com os rostos de personagens de Histórias em Quadrinhos e até mesmo a forma de brincar.

Como bem sabem, o brincar para uma criança vai muito além do que só construir histórias e proporcionar diversão, é a partir de jogos e brincadeiras que ela pode expressar a sua subjetividade e entender a sua relação com o outro. Então, o que o brincar nos ensina quanto ao processo de ser-no-mundo de uma criança que experiencia a violência doméstica?

Durante os primeiros minutos da história, já é possível perceber a frustração da criança frente as ações de violência, isso porque, a primeira cena é justamente do menino brincando com seus bonecos de ação, aonde percebe-se que há uma luta entre dois personagens, no entanto, ao cortar para cena seguinte podemos escutar dois adultos conversando muito alto e, também, é possível escutar xingamentos e exigência por relação sexual. No mesmo instante, ao perceber a briga o garoto olha para seus bonecos e os arremessa no chão, após ficar algum tempo deitado com os braços cruzados ele corre para olhar através da fresta em sua parede onde presencia a cena de violência.



## Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Antes de explicar o fenômeno por trás dessa cena, é preciso entender o que a figura do herói representa, principalmente, para uma criança. Segundo Messias (2011), o herói é visto como o salvador, é o homem cuja as suas habilidades se destacam frente a outros homens, além disso, é a pessoa que possui uma trajetória carregada de sabedoria e santidade sempre enfrentando dificuldades e vencendo-as. No imaginário infantil, o herói é a figura idolatrada, principalmente no universo masculino.

Quando observado esse ideal de mundo em uma criança que vivência a violência doméstica, ocorre quebra da realidade. Como evidenciado no curta, durante os atos de violência contra a mulher, não existe um salvador para ajudá-la. Por conta disso, o garoto apresenta frustração ao olhar seus bonecos de ação, principalmente o que representa o herói, chegando até mesmo a arremessar pela janela da sua casa e enterra-lo no quintal.

Percebe-se que diante de um quadro bastante avassalador, a criança mergulha no que a teoria heideggeriana compreende como *facticidade*. Esse termo diz respeito às mais variadas situações que ocorrem cotidianamente em nossas vidas. São situações, neste caso específico, limítrofes e limitantes, desencadeadoras de dor, sofrimento e que lançam o olhar da criança para um entorno que se torna ameaçador.

Ora, segundo Heidegger (2013) cada um de nós, *ser-no-mundo*, somos lançados em um mundo que não tivemos opção de escolha. Assim, este conceito diz respeito ao fato de que nossa vida é de contínua insegurança por não possuímos meio de saber, antecipadamente ou a priori, o que poderá ocorrer com cada um daqui a segundos. Esse “não conhecimento” é gerador de angústia, a angústia existencial que nos acompanha de modo contínuo. O que Castro (2009; 2017; 2020; 2021) nomina como a “tempestade do ser”.

### 5.2 Ser autor da sua história

O segundo fenômeno evidenciado no curta-metragem a ser discutido é o ser-no-mundo como autor da sua própria história. Esse fenômeno é observado no





## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

arco materno durante o seu processo de historicidade para se transformar em um ser autêntico.

Contextualizando, a apresentação dessa mulher no curta se dá durante o ato de violência doméstica, sendo xingada e agredida se vendo obrigada a aceitar a sua condição por conta do medo. Segundo Oliveira et al (2015), o medo paralisa as ações e impede a mulher de mudar o cotidiano vivido, a transformando em constante refém da violência. Durante as cenas de violência a única força que a mulher tinha era para pedir que o seu agressor fosse embora, fazendo com que ele tivesse mais raiva, deferindo socos e até enforcando-a além de ameaça-la de morte, tal situação coloca a mulher frente a ideia de finitude do ser

O fato de colocar essa mulher como um ser para morte faz com que ela reflita o seu processo de ser-no-mundo, fazendo com que posteriormente ela enfrente o seu agressor. Esse enfrentamento, segundo Labronici (2012), é o primeiro passo para o processo de resiliência.

Interessante pontuar que a corporeidade dessa mulher que vivencia a violência doméstica, se dá a partir do medo e da angústia, muito bem representado pela a atriz, que faz com que o telespectador sinta esse angustiar-se, sem que ela diga nenhuma palavra.

Mas o que tudo isso tem a ver com ser-autor da própria história? Para responder a essa pergunta é preciso retomar a explicação de autenticidade e inautenticidade. Primeiro, a inautenticidade – no que diz respeito ao personagem feminino - está no fato de ela não ter a consciência de ser-no-mundo, que pode construir a sua própria história saindo desse ciclo de violência, o que pode ser observado em diversos estudos que trazem esse permanecer em situações dessa natureza, sem ter a noção de si mesmas. Diríamos, amparados em Heidegger (2013), que a vivência da violência intrafamiliar pode ser considerada um elemento que esse autor compreende como *impessoalidade*, *ruína* ou *decadência*. O ser-no-mundo é coisificado, perde-se de si mesmo, ocorre a auto desapropriação.



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Por outro lado, o processo de autenticidade se dá a partir do momento em que o personagem feminino entende as várias dimensões e contextos no qual está lançada e sendo lançada em virtude da relação afetivo-sexual permeada pela violência que experiencia, fazendo com que investigue o seu papel no mundo buscando ser a autora da própria história. Percebe-se, como nos diz Heidegger (2013), como um ser-de-escolhas, um ser-de-possibilidades. A autenticidade reside no fato do ser-no-mundo re-apropriar-se de si mesmo, de tomar as rédeas do próprio existir e passa a caminhar em função de suas decisões e escolhas. Compreendemos, este momento de autopercepção de suas potencialidades como a ‘clareira’ que o filósofo da Floresta Negra postula, no qual o ser-no-mundo se reafirma a si mesmo, se consolida como si mesmo no próprio caminhar.

### 5.3 Perspectiva de um buraco

A fotografia de *O buraco* é um fator a ser discutido, visto que além da mudança de cor durante os episódios de violência doméstica e o quarto da criança. O diretor nos obriga a assistir todo o abuso através de uma abertura na parede, a mesma fresta que a criança observa a situação, mas o que isso tem a ver com ser-no-mundo?

Trazendo para o contexto do curta-metragem, acompanhamos um menino que está em processo de autoconhecimento e descoberta enquanto ser-no-mundo, que se vê frustrado em relação ao seu contexto familiar. Onde há uma mãe afetuosa e que é constantemente vítima de violência e a figura de um pai que demonstra afeto desagradável por ser um abusador.

O olhar que ele lança sobre si é de incapacidade por não conseguir fazer nada em relação ao que está acontecendo, o olhar que ele lança sobre o outro, em relação a figura masculina, é de raiva e sob a figura feminina ele lança um olhar de ternura. E a construção desses olhares se dá através da percepção que ele tem da situação, no caso, a observação pelo buraco na parede, ou seja, tudo ocorre mediante a visão de mundo que ele possui.



## Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Ser-no-mundo é, obrigatoriamente, ser-com-o-outro. Esse outro está presente em nossa caminhada desde o nascimento e acompanha até o final de nossas vidas. É nas relações que aprendemos a ser quem somos. É nas relações que me percebo quem sou e como sou. É nas relações que me olhar sobre mim, sobre o mundo e sobre a vida, passa por transformações. É nas relações que vivencio dor, sofrimento, tristeza, alegria, felicidade, paz.

Conceitos heideggerianos que podemos estar imbricando com esta perspectiva do filme é o que chama de existenciálias, a saber: *compreensão*, *disposição* e *afetividade*. A *compreensão* é compreendida como o fato de que nos apropriamos da dimensão – ou poderíamos aqui ressaltar como dimensões – das situações que nos ocorrem cotidianamente. Sendo que esse apropriar nos leva a um estado de humor, ou seja, nos possibilita vivenciar a vontade de continuar ou o ensimesmamento, nos dispormos ao enfrentamento ou nos acrisolarmos no medo e no temor, eis o que o teórico chama de *disposição*. Estas duas questões (*compreensão* e *disposição*) ocorrem em virtude de que o outro me afeta, o mundo me afeta, na mesma proporção em que os afeto. É, dessa maneira, que a proposta heideggeriana avalia nosso agir diante de situações, a *afetividade* que direcionamos à determinada situação que estamos experienciando. Esse outro provoca em mim a emoção e o sentimento relativos ao processo que estamos vivenciando.

### Considerações finais

A observação dos fenômenos existentes no curta-metragem abriu um leque de possibilidades para estar trabalhando neste artigo. No entanto, procurou-se compreender os fenômenos ligados a criança, para que a partir disso, se pudesse entender de que maneira a violência doméstica implica na experiência do ser-si-mesmo, ser-criança-diante-da-violência intrafamiliar.

Diante disso, é perceptível que a violência gera consequências imensuráveis para a criança, tendo em vista que sua extensão adentra o processo de autoconhecimento dessa criança. Muito do que acreditava ser real



## Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ou ideal lhe é tirado abruptamente e as suas representações de bom e ruim, certo e errado são inexoravelmente invalidadas. Isso só reforça a ideia de que o ser-no-mundo é algo muito subjetivo, característico do ser humano e está em contínuo processo de acontecer. Ontologicamente, pode-se inferir que à medida em que vivenciamos nossas relações cotidianas, o ser-no-mundo passa por transformações, possibilitando compreender as situações-surpresa que nos vêm ao encontro, o sofrimento e a dor oriundas das mesmas, e ao mesmo tempo, nos perceber na processualidade do existir, tendo em vista que podemos lançar mão de estratégias de enfrentamento que possibilitem a reapropriação de ser quem somos e no que gostaria de me tornar.

Contudo, o estudo serviu para mostrar como ainda é preciso investigar de modo mais abrangente, a pluridimensionalidade das consequências presentes em situações de violência doméstica e os fenômenos daí resultantes. Tendo em vista que, a partir de um curta-metragem observou-se a gama de questões que merecem ser discutidos não só no âmbito infantil, mas em relação a vítima da violência e até mesmo a pessoa que pratica violência doméstica.

A Psicologia fenomenológico-existencial, a partir de seu olhar mais perscrutador nos remete a compreender as relações em seus vários contextos e acontecimentos. Torna-se, premente, considerarmos a pluralidade de fenômenos presentes nesse fenômeno mais macro chamado violência doméstica ou intrafamiliar.

### Referências

ALMEIDA, Kamila. Orfandade por violência doméstica contra a mulher: Uma pesquisa biográfica. **Civitas, Rev. Ciênc. Soc.**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, e 20, Mar. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-0892016000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-0892016000100009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 23 de Abril de 2021.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

ALMEIDA, Adriana. A.; MIRANDA, Olívia. B. & LOURENÇO, Lélío. M.

Violência doméstica/intrafamiliar contra crianças e adolescentes: uma pesquisa bibliométrica. **Gerai**: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, 6 (2), jul - dez, 2013,298-311

CASTRO, Ewerton Helder Bentes de **A experiência do diagnóstico: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger** – Ribeirão Preto, 2009, 182 p.

\_\_\_\_\_. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, Ewerton Helder Bentes de (Org.) **Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa** – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

\_\_\_\_\_, A clínica psicológica em seus encontros, des-encontros e re-encontros: desvelando olhares. In: CASTRO, Ewerton Helder Bentes de **Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica** - 1ª ed. - Curitiba : Editora Appris, 2020, p. 157-176.

\_\_\_\_\_, Encontros, des-encontros e re-encontros na clínica e na pesquisa psicológicas: des-velando olhares. **Rev. Educação e Humanidades**. Volume II, número 1, jan-jun, 2021, p. 338-358.

D’AFFONSECA, Sabrina Mazo; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Habilidades maternas de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão da literatura. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 236-251, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932011000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000200004&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 22 de abril de 2021.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, supl. p. 1163-1178, 2006. Disponível em:



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-)

81232006000500007&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 20 de abril de 2021.

GANDOS, José Martinez-Romero. Consideraciones sobre la violencia doméstica desde la psicología fenomenológico-existencial. **Rev. Nufen: Phenom. Interd.** 10(3), 179-198, set. – dez., 2018.

Hermann, J., & Barsted, L. L. (2000). **Violência contra a mulher: um guia de defesa, orientação e apoio.** Rio de Janeiro: CEPIA/ CEDIM.

LABRONICI, Liliana M. Processo de resiliência nas mulheres vítimas de violência doméstica: um olhar fenomenológico. **Texto Contexto Enferm,** Florianópolis, 2012 Jul-Set; 21(3): 625-32.

MESSIAS, José. **O Conceito de Imaginário Como Forma de Entender o Papel do Herói nas Histórias em Quadrinhos: uma Análise Comparativa Entre Superman e Samurai X.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1205-1.pdf>>. Acessado em 28 de abril de 2021.

OLIVEIRA, Patrícia Peres de et al. Mulheres vítimas de violência doméstica: uma abordagem fenomenológica. **Texto contexto - enferm.,** Florianópolis, v.24, n.1, p. 196-203, Mar. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072015000100196&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072015000100196&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 28 de Abril de 2021.

RAZERA, Josiane & FALCKE, Denise. Relacionamento conjugal e violência: sair é mais difícil que ficar? **Aletheia** 45, set./dez. 2014

ROLIM, Kamêni Iung; FALCKE, Denise. Violência Conjugal, Políticas Públicas e Rede de Atendimento: Percepção de Psicólogos(as). **Psicol. cienc. prof.,** Brasília, v. 37, n. 4, p. 939-955, Dec. 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932017000400939&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932017000400939&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em: 20 de Abril de 2021



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

SILVA, Alcione Leite da; VOGEL, Cristina; VIRGILIO, Mirela Schmidt.

Significados de cuidado para crianças e adolescentes vítimas da violência doméstica. **Rev. bras. enferm.** Brasília, v. 54, n. 1, p. 48-62, Mar. 2001.

Disponível

em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672001000100007&lng=en&nrm=iso)

[71672001000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672001000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 26 de abril de 2021.

SILVA, Maria Aparecida; THIELLET, Maria do Horto & DAN, Vivian L.C. A escola como espaço revelador da violência doméstica contra a criança: estudo de caso. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 27, n. 2, jul./dez., 2020

SOUTO, Rafaella Q. **Violência doméstica psicológica sob a perspectiva da mulher idosa: um enfoque na fenomenologia social**. Tese (Doutoramento). Escola de Enfermagem da Universidade São Paulo/USP. São Paulo, 2014.

**Recebido: 29/4/2021. Aceito: 13/5/2021.**

**Autores:**

**Michaela Nascimento Colares** - Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UFAM. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-existencial do Laboratório de Fenomenologia (LABFEN).

E-mail: michaelacolares16@outlook.com

**Ewerton Helder Bentes de Castro** - Docente do curso de graduação e pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (Labfen). Líder do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial.

E-mail: ewertonhelder@gmail.com